

# EDUCAR PARA O CRESCIMENTO INTEGRAL DO SER HUMANO

*Raquel Tonini Rosenberg Schneider* \*

**RESUMO:** O desenvolvimento humano implica o crescimento relacional e o conhecimento do Amado. Através da catequese mistagógica, com o auxílio da linguagem simbólica e da *via da beleza*, o ser humano é conduzido à fé em Cristo Jesus. Entretanto, este encontra-se assolado pela indiferença, esquecido da linguagem simbólica e valorizando uma educação tecnicista. A pesquisa objetiva expor que uma catequese mistagógica é fundamental no processo formativo da pessoa: o ser humano é convidado a crescer “em graça, estatura e conhecimento diante de Deus e dos homens” (cf. Lc 2.52). Evidencia a necessidade da educação integral que resgata a sua capacidade de observação e atenção. Propõe a via pela beleza como caminho que alcança o coração. Trata da educação para a beleza como um caminho para o encontro com o Belo. O resultado é um processo de humanização que conduz o ser humano à sua identidade primordial: imagem e semelhança de Deus, filhos e filhas em Jesus Cristo, irmãos e irmãs. “Guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho” (EG, n. 168), o homem e a mulher deste tempo são convidados ao discipulado missionário: mensageiros da paz, alegria e esperança no mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Beleza. Catequese Mistagógica. Educação. Formação integral. Linguagem Simbólica.

## 1. INTRODUÇÃO

O homem-mulher<sup>2</sup>, imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26a), é vocacionado à comunhão e seu desenvolvimento humano implica o crescimento relacional e o conhecimento do Amado. Por conseguinte, o ser humano é convidado a crescer “em graça, estatura e conhecimento diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52), a exemplo do modo como as Sagradas Escrituras narram o crescimento de Jesus de Nazaré, dado que,

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus, por amor, é por Ele, por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador (...) (GS, n. 19).

Trata-se, deste modo, da identidade e dignidade do ser humano, em vista de “que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para chegarmos a ser o homem perfeito que, na maturidade do seu desenvolvimento, é a plenitude

---

\* Arquiteta Especialista em Espaço Celebrativo-Litúrgico e Arte Sacra (ITESC-FAJE), aluna do Pontifício Instituto Litúrgico de Roma, no Master *Arte per il Culto* e mestranda em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Instituição de origem: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Instituição financiadora da pesquisa desenvolvida: a aluna recebe apoio financeiro da CAPES.

<sup>2</sup> Termo cunhado pela prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Giovanna Muzj e utilizado nas disciplinas de Introdução à Linguagem Simbólica e Mistagogia do Edifício Eclesial, por ela ministradas no Pontifício Instituto Oriental - PIO, em Roma, nos anos 2019 e 2020 respectivamente, e aqui adotado.

de Cristo” (Ef 4,7-13). Este caminho é a própria vida humana, um caminho de resposta e conhecimento progressivo, um convite à proximidade e intimidade, antecedido pelo dom de Deus e seu pedido de que sejamos batizados. Desta forma “a adoção como filhos que o Pai oferece gratuitamente e a iniciativa do dom da sua graça são a condição que torna possível esta santificação constante, que agrada a Deus e Lhe dá glória. É deixar-se transformar em Cristo, vivendo progressivamente ‘de acordo com o Espírito’” (EG, n. 162). Neste caminho de recepção e acolhimento do dom que demanda resposta, esta é impreterivelmente de fraternidade, em todos os seus aspectos e implicações, assim como de cuidado com a casa-comum. É o ser inteiro, unido aos irmãos e irmãs, com toda a criação.

A realidade, entretanto, revela as marcas de uma atrofia relacional, oriunda de uma mentalidade individualista e egoísta. Assolado pela indiferença, esquecido da linguagem simbólica e valorizando uma educação tecnicista, o homem-mulher da contemporaneidade vive uma crise de sentido<sup>3</sup>. Importante deixar claro que não se trata de uma crítica ou negação da tecnologia, mas do tecnicismo, pois a simples incorporação de tecnologias mais avançadas não se mostra como solução para os problemas.

O crescimento integral do homem-mulher implica um desenvolvimento do processo formativo que enxergue o ser humano por inteiro, em suas quatro dimensões básicas - intelectual, vegetativa, afetiva e espiritual. Esta última, referindo-se “àquela parte que deseja e anseia pelo transcendente, mesmo que não religioso propriamente dito. É aquela parte de nosso ser que tem nostalgia da Beleza original” (MONTEIRO, 2013). Assim, tem-se presente a importância fundamental de uma catequese mistagógica no processo formativo da pessoa, tendo em vista o seu crescimento integral, caminho para a redescoberta do sentido da vida e, conseqüentemente, da felicidade. Por intermédio da catequese mistagógica, com o auxílio da linguagem simbólica e da via da beleza, o ser humano é conduzido à fé em Cristo Jesus.

Deste encontro-experiência, o movimento gerado é de encontro com o outro – caracterizando o que se pode chamar de uma catequese social. Isto se dá pelo fato de que a

---

<sup>3</sup> Raras vezes uma obra publicada originalmente em 1927 terá tido uma tão profunda atualidade.

A Crise do Mundo Moderno é a **denúncia de uma sociedade e de uma cultura completamente rendidas ao lucro, à quantidade, à obsessão do crescimento económico, à ilusão do "progresso", ao desprezo por tudo o que seja sobrenatural ou espiritual.** "Irá o Mundo Moderno até ao fundo desse declive fatal ou, como aconteceu na decadência do mundo greco-romano, uma nova recuperação ir-se-á produzir, ainda desta vez, antes que atinja o fundo do abismo para onde foi arrastado"? O leitor de hoje só pode repetir, com maior angústia ainda, esta interrogação que Guénon lançava ao destino na longínqua primeira metade do século XX. Fonte: Sinopse da obra de **René Guénon** - *A Crise do Mundo Moderno*, formato eBook Kindle, na Amazon. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Ren%C3%A9-Gu%C3%A9non-Crise-Mundo-Moderno-ebook/dp/B08Q62FKVC>. Acesso em: 18 out. 2021 (*Grifo nosso*).

formação integral do ser humano o situa no contexto de mundo, enquanto partícipe responsável da construção do Reino.

## **2. EDUCAR PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL: RESGATE DA CAPACIDADE DE OBSERVAÇÃO E ATENÇÃO**

“A educação e a catequese estão ao serviço deste crescimento” (EG, n. 163) – isto é, do crescimento integral do homem – através de uma catequese querigmática e mistagógica, pois o crescimento humano implica também o crescimento da fé. A iniciativa é sempre de Deus, desde o dom da vida, e traz em si mesmo a dimensão da vocação à união com o Totalmente Outro, ao encontro com o outro e com a Criação. Este processo exige etapas constantes e progressivas, que envolvem toda a vida e a vida por inteiro, numa dinâmica de observação, atenção e escuta, em vista da resposta da fé.

A fé em um Deus que é Comunhão – Pai, Filho, Espírito Santo – Uno-Trino, pressupõe um modo de catequese trinitária. “O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai” (EG, n. 164). Não se trata aqui de um ensinamento situado no início do programa catequético e esquecido ou substituído por conteúdos novos. Ao contrário, tem em si mesmo um caráter valorativo diverso, “é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos” (EG, n. 164). Porque este anúncio ressoa interiormente, como movimento da graça, ação do próprio Deus, que faz com que o homem-mulher “encontre as suas delícias no teu louvor, porque nos fizeste para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti”, como ensina Santo Agostinho<sup>4</sup>. Deste modo,

Não se deve pensar que, na catequese, o querigma é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais «sólida». Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese (EG, n. 165).

---

<sup>4</sup> Santo Agostinho, Confissões, I,1, 1: CCL 27. 1 (PL 32, 659-661). In: CIgC, n. 30.

O desejo do alto é intrínseco ao ser humano, de todos os tempos e culturas. O anúncio trazido pelo querigma, a boa notícia que ele dá a conhecer a todos, sem exceção, traz em si a capacidade de resposta àquele anseio de infinito e revela o amor salvífico de Deus. Este não impõe, ao contrário, apela à liberdade e traz a “alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas” (EG, n. 165).

Além do anúncio querigmático, a catequese, sobretudo a dos primeiros séculos da era cristã, apresenta outra característica que o Concílio Vaticano II (1962-1965) tem procurado recuperar: a iniciação mistagógica. Isto significa basicamente, segundo o Papa Francisco, “a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã” (EG, n. 166). De origem grega, a palavra ‘Mistagogia’ é composta de duas partes: ‘mist’ + ‘agogia’. A primeira vem de ‘mistério’ e a segunda significa ‘guiar’, ‘conduzir’. Desta forma, mistagogia pode ser definida como a ação de guiar um observador-fiel, conduzindo-o para dentro do mistério. A iniciação mistagógica, assim, pressupõe um ambiente adequadamente preparado, por isto atrativo e, sobretudo, utilizando-se da simbologia tradicional cristã. Esta, de certa forma esquecida, está sendo redescoberta e convém que seja inserida num amplo processo de crescimento e de integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta.

O homem-mulher dos tempos atuais vive uma ‘crise do olhar’, ainda que imerso numa sociedade que se nutre de imagens - vide a quantidade de informações recebidas por dia, através de imagens -; pode-se dizer que, de certa forma, perdeu a capacidade de ver. Esta crise se relaciona diretamente com a capacidade de observação e atenção do ser humano, a tudo que lhe diz respeito. O processo de educação integral é, assim, um caminho capaz de reverter este quadro e, de modo particular, a catequese é absolutamente capaz de desenvolver “uma pedagogia da observação das belezas naturais e das posturas humanas fundamentais a elas referentes: silêncio, escuta, admiração, interiorização, paciência na espera, descoberta da harmonia, respeito do equilíbrio natural, sentido de gratuidade, adoração e contemplação” (PCC, 2006, p. 32).

O querigma, que dá resposta ao anseio infinito existente em todo coração humano e a iniciação mistagógica que, em linhas gerais, tem a capacidade introduzir o observador-fiel na experiência do sagrado, exigem, de certa forma, uma linguagem própria, que o Papa Francisco chama de “parabólica”, pois recolhe o sinal e o transmite a todos os lugares e povos: a linguagem simbólica. “Olhar e palavra compõem a estrutura básica do ser humano, formam o

mais íntimo de nós mesmos, unem ou dividem. Daí decorre a *imagem*, isto é, a postura, a atitude” (PASTRO, 2008, p. 35).

A imagem, segundo Plotino, traz em si mesma uma modalidade divina, de “conhecimento imediato e compreensível”, que exige seja adicionado imediatamente, um “conhecimento simbólico” (MUZJ, 1995, p. 151). Para Bernard (1984, p. 436-437), o movimento simbólico se mostra muito mais eficaz que o movimento analógico, sendo possível perceber a “passagem imediata do nível biológico para o espiritual” (apud MUZJ, 1995, p. 151. *Tradução nossa*). A grande função dos símbolos é

(...) apontar para além de si mesmos, com a força daquilo para o qual apontam, para abrir níveis de realidade, que de outra maneira estão fechados, e para abrir níveis da mente humana dos quais, de outro modo, não seriam conscientes (TILLICH, apud ELIADE, 1999, p. 116. *Tradução nossa*).

(...) os símbolos são o centro, são o coração dessa vida imaginativa, revelam os segredos do inconsciente, nos conduzem às origens mais escondidas que motivam as ações, abrem o espírito ao desconhecido e ao infinito. (...). Dizer que vivemos em um mundo de símbolos é pouco: um mundo de símbolos vive em nós (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018, p. VII-VIII. *Tradução nossa*).

Entretanto, a experiência-consciência de pertença e dependência do sagrado e do cosmo, vivida pelo homem-mulher das culturas tradicionais, sofreu um processo de perda até o ponto de se autoproclamar ateu - momento “dramático na nossa cultura ocidental é que o homem nega Deus para afirmar-se, como um adolescente que somente se sente autônomo negando a autoridade dos pais” (COSTA, 2019) -, como nunca visto antes na história.

Jean Hani (1998, p. 18) expõe que “quanto a nós, importa distinguir cuidadosamente dois tipos muito diferentes de símbolo: o símbolo intencional (ou convencional) e o símbolo essencial”. O sentido espiritual ou moral se mostra, com o símbolo intencional, “como que ‘transportado’ e não consegue convencer porque se sente que é intermutável, e a melhor prova disso reside no facto de se terem atribuído por vezes significados totalmente distintos aos objetos em causa, o que é impossível no verdadeiro simbolismo, ou simbolismo essencial” (HANI, 1998, p. 18). O autor ainda afirma que “nos símbolos essenciais, fundados .na própria natureza dos objetos, há símbolos de ordem cosmológica e símbolos de ordem teológica”. Os símbolos teológicos, sobretudo quando se faz referência aos grandes símbolos, são símbolos essências. A questão é que,

(...) no sistema mental da maior parte dos nossos contemporâneos, falta toda uma série de representações cosmológicas, uma «imagem do mundo» ou ainda, um «sistema do mundo», como dizia Duhem, que lhes permita abarcar verdadeiramente essas figuras [os símbolos essenciais teológicos].

O homem moderno encara o mundo como um aglomerado de fenômenos, enquanto para o homem tradicional em geral, até Descartes no Ocidente, o mundo é um organismo harmonioso e hierarquizado, cuja formulação cristã encontramos em Dionísio, o Areopagita (HANI, 1998, p. 19).

A redescoberta da linguagem simbólica e a preocupação da Igreja no abrir-se aos tempos atuais, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, são definidores do percurso proposto, em vista de retorno ‘ao centro’ e de possibilidade de um caminho de evangelização. Muito tem sido estudado e muito tem sido escrito nesse sentido, entretanto, ainda pouco acessível, sobretudo no Ocidente e, mais particularmente, no Brasil, quando se trata de uma via eficaz e eficiente de anúncio, pautada em um programa de formação integral, unificado e unificador, que atenda aos objetivos elencados, tendo em vista que “o Mundo ‘fala’ pelos símbolos, ‘revela-se’. Não se trata de linguagem utilitária e objetiva. O símbolo não é um decalque da realidade objetiva. Ele revela algo de mais profundo e fundamental” (ELIADE 1999, p. 116). A catequese querigmática e mistagógica apresenta um caminho capaz de resgatar esta linguagem e de contribuir eficazmente na recuperação deste estado de atenção e observação, próprio do homem-mulher religioso.

Educar para a formação integral e, conseqüentemente para a vida - de todos e todas -, exige, portanto, um avanço, pois “educar não é só transmitir conceitos, isto seria uma herança do iluminismo que deve ser superada, ou seja, não é apenas transmitir conceitos, mas é uma tarefa que exige que todos os responsáveis por ela - família, escola e instituições sociais, culturais, religiosas... - participem na mesma de modo solidário” (FRANCISCO, 2020a). Tendo abordado pontos de fundamental importância no processo formativo, como citou, a respeito das linguagens “da mente, do coração e das mãos”, “das raízes e valores”, “da verdade, bondade e criatividade”, finaliza o Papa Francisco seu discurso, insistindo não querer terminar “sem falar da beleza. Não se pode educar sem induzir à beleza, sem induzir o coração à beleza. Forçando um pouco o discurso, ousou dizer que a educação não é eficaz se não souber criar poetas. O caminho da beleza é um desafio que deve ser enfrentado” (FRANCISCO, 2020a).

### **3. A VIA DA BELEZA COMO CAMINHO QUE ALCANÇA O CORAÇÃO**

A catequese querigmática e o processo de iniciação mistagógica trazem, conseqüentemente, uma exigência e um convite a que se preste uma atenção especial à ‘Via da Beleza’ (Via *Pulchritudinis*), pois, “anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo

esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (EG, n. 167). Diante do impartível vínculo entre verdade, bondade e beleza, faz-se urgente esta formação integral, capaz de resgatar a sensibilidade humana para a escuta, a observação, a atenção, em vista da recuperação da estima da beleza, via favorável de acesso ao coração do homem-mulher para que resplandeça nele a bondade e a verdade do Cristo Crucificado-Ressuscitado. Seguindo o ensinamento conciliar, continua o Papa Francisco, dizendo, portanto, ser “desejável que cada Igreja particular incentive o uso das artes na sua obra evangelizadora, em continuidade com a riqueza do passado, mas também na vastidão das suas múltiplas expressões atuais, a fim de transmitir a fé numa nova ‘linguagem parabólica’” (EG, n. 167), pois, no que tange às artes,

Procuram elas dar expressão à natureza do homem, aos seus problemas e à experiência das suas tentativas para conhecer-se e aperfeiçoar-se a si mesmo e ao mundo; e tentam identificar a sua situação na história e no universo, dar a conhecer as suas misérias e alegrias, necessidades e energias, e desvendar um futuro melhor. Conseguem assim elevar a vida humana, que exprimem sob muito diferentes formas, segundo os tempos e lugares (GS, n. 62).

O ser humano é amante da beleza, pois é imagem e semelhança do Belo – “o Filho feito homem, revelação da beleza infinita, [que] é sumamente amável e atrai-nos para Si com laços de amor. Por isso, torna-se necessário que a formação na via pulchritudinis esteja inserida na transmissão da fé” (EG, n. 167). A Igreja sempre compreendeu e defendeu este caminho da beleza, desde suas origens. Resgata a importância deste percurso, ao longo da história e, particularmente, com a Mensagem do Papa Paulo VI aos Artistas, quando este afirma que “o mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração. E isto por vossas mãos” (PAULO VI, 1965). O sentimento de beleza é inerente ao ser humano. O homem busca o belo, a beleza, a harmonia, a unidade e, em última instância, a felicidade.

A beleza é a chave do mistério e apelo ao transcendente: É convite a saborear a vida e a sonhar o futuro. Por isso, a beleza das coisas criadas não pode saciar, e suscita aquela arcana saudade de Deus que um enamorado do belo, como Santo Agostinho, soube interpretar com expressões incomparáveis: ‘Tarde Vos amei, ó beleza antiga e tão nova, tarde Vos amei’ (JÃO PAULO II, 1999, n. 6).

A Via *Pulchritudinis* é, deste modo, um caminho proposto pela Igreja - tendo em vista que as expressões de beleza são comuns a todas as religiões e culturas -, diante da urgência da

formação integral do ser humano, por meio da evangelização das culturas através de uma efetiva inculturação do Evangelho. Trata-se de uma educação para a vida, para a comunhão e para a fraternidade, onde é possível desenvolver a cultura do encontro e o cuidado com a casa comum. Esta se apresenta, assim, como um “itinerário privilegiado para atingir muitos daqueles que enfrentam grandes dificuldades para receber o ensinamento, sobretudo moral, da Igreja” (PCC, 2006, p. 11), destacando que a verdade, enquanto instrumentalizada pelas ideologias e, a bondade, vivida apenas no plano horizontal, têm sido reduzidas a um simples ato social. Indiferença e relativismo são sérios desafios dos tempos atuais. Esse caminho é capaz de conduzir o homem-mulher àquele encontro impactante com a beleza e assim, “abrir a estrada da busca de Deus e dispor o coração e a mente para o encontro com Cristo” (PCC, 2006, p. 13). Neste sentido, recorda-se ainda o ensinamento de São Gregório de Nissa (século IV) ao dizer que “as palavras criam conceitos, os conceitos criam ídolos, só o estupor, o encantamento, o maravilhar-se tem o presentimento de alguma coisa, coloca-nos diante de uma presença”.

Entretanto, pode-se também dizer que o que se chama hoje de beleza, está distante das suas raízes, do seu sentido original e, portanto, do seu centro. Nesta crise encontra-se ainda, uma dificuldade de discernimento entre o feio e o belo, sobretudo porque as categorias são muitas vezes, exclusivamente ligadas ao gosto pessoal, ao que ‘eu acho’, fazendo-se ainda presente o consumo como fator determinante. Desta forma, é ainda possível concluir que, muitas vezes, padrões de beleza são ‘impostos’. Percebe-se, portanto, um movimento de que tudo é, de certa forma, ‘engolido’ como verdade, sem uma análise crítica, séria, atenta e responsável, a respeito dos acontecimentos e da história, não resultando em um encontro que traga sentido e centralidade à vida. Igualmente, é perceptível a carência de contemplação, observação, atenção, estupor e consequente possibilidade de transformação. A beleza, por sua vez, sinaliza ‘outra coisa’, além do visível e imediato. Ela atrai e seduz o ser humano, seja por aquela nostalgia do paraíso, seja pela experiência de antecipação do mesmo – referindo-se, sempre, à busca de sentido, do desejo de infinito, do anseio de felicidade. “A beleza tem um sentido objetivo; é ou não é, e independe do meu (subjetivo) parecer, do meu gosto, portanto o sentido da beleza está intimamente ligado ao sentido objetivo do sagrado, um não vive sem o outro” (PASTRO, 2008, p. 17).

Do antigo grego *kalón*, cujo sentido se expressa na verdade, no amor enquanto bondade e justiça, e na beleza, tem-se, no século V, o ensinamento de Dionísio, o Areopagita: “a verdade, o bem e a beleza são três lâmpadas ardentes de fogo e uma não vive sem a outra” (PASTRO, 2008, p. 16). A beleza, portanto, é educadora, “desenvolve os sentidos e torna a pessoa forte, íntegra, plena. A beleza não existe só para os sentidos, mas para todo o ser humano (...). A



beleza é o caminho que nos indica, nos conduz para sermos plenamente aquilo para o que fomos concebidos na vida” (PASTRO, 2008, p. 24). Por conseguinte, a beleza também conduz o homem-mulher ao encontro, através de uma íntima percepção do Outro e, assim, do outro e da criação – o ser humano pode assim, fazer a experiência do encantamento, do estupor, do maravilhamento. Ferido de beleza, o homem-mulher é capaz de crescer.

Um longo caminho foi percorrido. Desde o século XI fez-se sentir o desenvolvimento de um conceito contemporâneo e ocidental a respeito da arte, ou seja, do prazer pelo prazer, o belo pelo belo, agradar apenas a sensibilidade. Chegamos ao esteticismo” (PASTRO, 2008, p. 22). O século XV assistiu o início de uma dominante propensão intelectualista para o naturalismo e o racionalismo. Os séculos VIII e XIX trouxeram à luz uma beleza moral, um ‘bom’ destacado do conjunto, isolado. Estes não indicam o verdadeiro sentido da beleza e o século XX é palco de vários movimentos, com destaque para o Concílio Vaticano II (1962-1965), que retoma o tema da beleza, recuperando seu significado e sentido, insistindo em um ‘retorno às fontes’ do cristianismo.

“A percepção do belo pede uma educação, pois a beleza não é autêntica senão na sua relação com a verdade” (PCC, 2006, p. 14) e “não existe apenas para um deleite pessoal, para o prazer dos sentidos, mas para uma abertura, para entrada numa vida plena que nos reorganiza e cria pessoas de fibra” (PASTRO, 2008, p. 22). É assim, uma via segura para que o bem seja atingido e alcance a todos. A Via *Pulchritudinis*, deste modo, consiste em ajudar o homem-mulher a encontrar a beleza do Evangelho de Cristo que a Igreja tem a missão de anunciar. Trata-se de um caminho que permite a transmissão da fé “mediante sua capacidade de atingir o coração das pessoas, de exprimir o Mistério de Deus e do homem, de apresentar-se como autêntica ‘ponte’” (PCC, 2006, p. 14).

Trata-se ainda de “um caminho pastoral que não pode se reduzir a um *approche* filosófico. Mas o olhar do metafísico nos ajuda a compreender que a beleza é um caminho régio para conduzir a Deus” (PCC, 2006, p. 17). Portanto, “percorrer a Via *Pulchritudinis* implica empenhar-se em educar os jovens para a beleza, ajuda-los a desenvolver um espírito crítico em face da oferta da cultura da mídia e plasmar sua sensibilidade e seu caráter para elevá-los e conduzi-los a uma real maturidade” (PCC, 2006, p. 18), capazes, assim, de se tornarem sinais e promotores da fraternidade e do cuidado com a casa comum.

#### **4. A EDUCAÇÃO PARA A BELEZA: UM CAMINHO PARA O ENCONTRO COM O BELO**

Papa Francisco afirma que “a educação é uma realidade dinâmica, é um movimento que ilumina as pessoas. Trata-se de um tipo peculiar de movimento, com características que o tornam um dinamismo de crescimento, orientado para o pleno desenvolvimento da pessoa na sua dimensão individual e social” (FRANCISCO, 2020b). Diz ainda que “a educação que tem no centro a pessoa na sua realidade integral tem a finalidade de a levar ao conhecimento de si mesma, da casa comum na qual vive e, sobretudo, à descoberta da fraternidade como relação que produz a composição multicultural da humanidade, fonte de enriquecimento mútuo” (FRANCISCO, 2020b).

Este dinamismo implica e exige participação em todos os aspectos e dimensões da vida humana, para um crescimento progressivo que conduza à reta compreensão da vocação do homem-mulher, cuja identidade traz o desejo de conhecer a Verdade e dar sentido à vida. Este processo implica ainda o desenvolvimento integral do ser humano, em vista de um agir atento, inteligente, razoável e responsável, para o bem comum. Deste modo, tendo início no seio da família e estendendo-se ao ambiente escolar, faz-se necessário possibilitar o acesso às artes, de modo que seja redescoberta, experimentada e vivenciada a linguagem simbólica, incentivando a capacidade imaginativa e criativa, o desenho, a pintura, a música, a dança.

No que diz respeito à Igreja, são possíveis muitas ações diretamente relacionadas à catequese, em todos os níveis, a partir dos espaços celebrativos, que busquem educar-evangelizar através e com a arquitetura-arte das igrejas e promovam uma catequese querigmática e mistagógica, despertando o desejo do aprofundamento que faça memória da experiência fontal. Assim, a partir da Liturgia celebrada, abrem-se várias possibilidades de ações educativas-evangelizadoras: festa anual da Dedicção da Igreja, com proposta de Semana de Estudo, Reflexão e aprofundamento a respeito da Liturgia e do Espaço Litúrgico; festa anual do Santo Padroeiro, com proposta de Semana de Estudo e Preparação; Visita Guiada para turmas de catequese, de todas as idades e todas as equipes de trabalho da comunidade, além da abertura a todo o povo de Deus, das diversas regiões; na atenção e cuidado com a manutenção permanente e organização do espaço proposto; desenvolvimento da Pastoral Turística; elaboração de Folders formativos e atraentes; Visita Guiada com auxílio de Áudio Guias em outras línguas; Ações Educativas, em diversos níveis, em vista da criação do crescente senso de pertença e responsabilidade para com o patrimônio material protegido em favor da memória local e do país e do anúncio da Boa Nova, para uma sociedade mais fraterna.

Tendo em vista que, muitas vezes, a educação é vista, de modo geral, num sentido apenas utilitarista, cuja preocupação maior está centrada na produtividade, na competição, no sucesso, e ainda que algumas das atividades propostas já sejam realidade nas famílias, escolas e comunidades -, estes projetos educativos-evangelizadores são possibilidades concretas para o homem-mulher de garantia do direito à beleza, onde o ser humano seja visto e tratado de modo integral, como pessoa que estabelece relações e deseja ser feliz.

## 5. CONCLUSÃO

É necessário educar para a vida plena, integral. É urgente recuperar a capacidade de admiração e contemplação, desenvolvendo uma atenção e observação que conduza à experiência, ao encontro, a exemplo das crianças, cujo aprendizado não acontece primeiramente através dos conceitos, nem mesmo das palavras, mas pela visão. É necessário ver para crer. Decorre daí a necessidade de uma catequese querigmática e da iniciação mistagógica. Por fim, seguindo Hans Urs von Balthasar, tem-se que “a beleza é a última palavra que a inteligência poderia ousar pronunciar (...) ela coroa com uma auréola de esplendor o duplo astro do verdadeiro e do bem e sua indissolúvel relação” (PASTRO, 2008, p. 30).

O resultado é um processo de humanização que conduz o ser humano à sua identidade primordial: imagem e semelhança de Deus, filhos e filhas em Jesus Cristo, irmãos e irmãs. “Guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho” (EG, n. 168), o homem e a mulher deste tempo são convidados ao discipulado missionário: mensageiros da paz, alegria e esperança no mundo – um caminho educativo que concretize uma nova sociedade para um Novo Humanismo, que seja voltado para a afetividade, para a construção de relações fraternas, que eduque para o servir, na doação e oferta da vida, e para o cuidado com a casa comum.

O desafio é grande, a esperança é maior, pois a Palavra de Deus traz o ensinamento que rege a vida, capaz de consolidar o pacto proposto pelo Papa Francisco a respeito da educação: “O pacto entre Deus e os homens, o pacto entre as gerações, o pacto entre povos e culturas, o pacto - na escola - entre professores e alunos e também entre pais, o pacto entre o homem, animais, plantas e até as realidades inanimadas que tornam bela e colorida a nossa casa comum. Tudo está relacionado com tudo, tudo é criado para ser um ícone vivo de Deus que é Trindade de Amor! ” (FRANCISCO, 2019, apud FRANCISCO, 2020b)

## SIGLAS

CIgC – Catecismo da Igreja Católica

EG – *Evangelium Gaudium*, Exortação Apostólica do Papa Francisco

GS – *Gaudium et Spes*, Concílio Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja

PCC – Pontifício Conselho da Cultura

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 6.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Loyola, 1993.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dizionario dei simboli*. Mitto, sogni, costumi, gesti, forme, figure, colori, numeri. 14 ed. Milano: BUR, 2018.

COSTA, Henrique Soares. *Gloria Dei vivens homo! Visão Cristã - Temas relacionados à fé católica*. Opiniões e análises sempre a partir de uma perspectiva de visão cristã, em 05 jul. 2019. Disponível em: <https://visaocristadomhenrique.blogspot.com/2019/07/gloria-dei-homo-vivens.html?m=1>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 2005.

ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o Andrógino*. Comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes no Seminário sobre o tema "Education: The Global Compact"*. Pontifícia Academia das Ciências Sociais, em 07 fev. 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco\\_20200207\\_education-globalcompact.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200207_education-globalcompact.html). Acesso em: 10 out. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica (dos Institutos de Estudos)*. Sala Clementina, em 20 fev. 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco\\_20200220\\_congregaz-educaz-cattolica.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200220_congregaz-educaz-cattolica.html). Acesso em: 10- out. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelium Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2013.

HANI, Jean. *O simbolismo do templo cristão*. Lisboa: Edições 70, 1998. (Esfinge).

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta aos Artistas*. 2ª. ed. São Paulo: Paulinas, 1999. (Documento do Vaticano, 167).

MONTEIRO, Ruberval. *O Tetramorfo*. Livro Quadrado - Arte Sacra, Liturgia e Temas Afins, em 16 set. 2013. Disponível em: <https://livroquadrado.blogspot.com/search?q=tetramorfo>. Acesso em: 10 out. 2021.

MUZZI, Maria Giovanna. *Visione e presenza*. Iconografia e teofania nel pensiero di André Grabar. Milano: La Casa di Matriona, 1995.

PAULO VI, Papa. *Mensagem aos Artistas*. Na conclusão do Concílio Vaticano II, em 08 dez. 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651208\\_epilogo-concilio-artisti.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-artisti.html). Acesso em: 17 out. 2021.

PASTRO, Cláudio. *O Deus da Beleza*. Educação através da beleza. São Paulo: Paulinas, 2008.

PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA. *Via Pulchritudinis*. O caminho da Beleza. São Paulo: Edições Loyola, 2007. In: Assembleia Plenária dos Bispos, Cidade do Vaticano, 2006.